



O Paradigma¹ “Ocidental e Cristão”

Verdades claras e perfeitas, nenhum homem as vê ou as conhece. Tudo é questão de opinião.

Xenófanos (560-478 a.C.)

Durante a antiguidade clássica, a civilização grega utilizou o termo *Paidéia*² para designar o conjunto de virtudes que deviam ser cultivadas pelos homens que aspiravam ao bem para si e para o mundo. A *Paidéia* grega habilitava os indivíduos a viver juntos, respeitando as diferenças e possibilitando a soma de excelências para realizar o bem comum.

Com esse mesmo espírito o mundo latino cunhou o termo *Humanitas*³ para designar a conduta do homem que, combinando virtudes e conhecimentos, manifestava bondade e cortesia, demonstrando esmero e elegância no seu agir⁴. Revelando alguém que é senhor de suas paixões e tudo quanto faz, o faz com medida e beleza.

De forma semelhante, o termo *Cultura* é utilizado na modernidade para fixar na memória o que cada sociedade produziu de significativo e perdurável, determinando identidades pelas quais as reconhecemos, e designa o complexo conjunto de códigos e padrões que regulamentam as relações coletivas de um grupo específico e suas interações sociais.

A palavra cultura possui a mesma raiz que culto e cultivar, circunscrevendo o agir de homens que cultivam valores, que prestam culto ao que é alto⁵.

Nesse sentido quando se fala da cultura “ocidental e cristã”, está se designando o conjunto de valores que são utilizados por nosso tempo para sentir e pensar o mundo. Este paradigma foi se constituindo através de duas vertentes principais. A primeira delas teve suas raízes na Grécia, e posteriormente, na conseqüente matriz greco-romana, sendo chamada de “ocidental” por firmar sua identidade tendo como referência os valores sustentados nas culturas orientais⁶. É importante sinalizar que o termo “ocidente” não sinaliza uma região geográfica relativa, e sim, uma cosmovisão incorporada por uma comunidade, isto é, um particular estado de espírito.

¹ Do gr. *parádeigma*. Modelo, padrão, que por períodos orientam o desenvolvimento dos modos de pensar e de agir. Um paradigma é uma estrutura que gera modos de pensar que por sua vez gera filosofias, crenças religiosas, ciências e artes.

²Inicialmente a palavra “paidéia” (de *paidos*, criança) significava “educação de meninos”, muito longe do elevado sentido que a palavra adquiriu mais tarde, no sentido de valores que caracterizavam o humano por excelência, tendo no conceito de Justiça sua fundamentação final.

³ Humano, isto é, feito de húmus, de solo, barro, terra, de pó, origem do termo humildade.

⁴ Mostrando refinamento nos modos e gestos.

⁵ Daí, palavras como altar, lugar onde se cultua o alto, e exaltar, isto é, mostra fora o que possui dentro.

⁶ Negando-os ou afirmando-os.



A segunda vertente introduziu os princípios sapienciais do Cristianismo⁷, contribuindo com seus valores para conformar o Espírito de Ocidente.

As fantásticas qualidades dessas duas vertentes alicerçaram o progresso das inúmeras culturas que compõem a Civilização Ocidental, no entanto, a razão de Atenas e fé de Jerusalém se excederam prontamente nas suas competências, exigindo obediência absoluta para suas respectivas leituras da realidade⁸.

As conseqüências dos abusos e excessos da razão deram lugar a falsas idéias de progresso, enquanto que os da fé geraram crenças mal assimiladas.

Os “racionalismos” e “sacerdotalismos⁹” decorrentes dessas posturas abusivas gestaram conflitos infundáveis que se perpetuam até o presente.

A gênese dos racionalismos tem sua origem na tendência de inferir que os discursos construídos pela razão são as únicas explicações possíveis e aceitáveis sobre a realidade do mundo.

Por sua vez, dando destaque aos aspectos exteriores da religiosidade, em detrimento da interioridade e da espiritualidade, configuram os sacerdotalismos que substituem os valores da fé por crenças históricas. Um exemplo ilustrativo sobre as falsas idéias de progresso, ou do “contínuo progresso” da humanidade pode ser avaliado pelo número de pessoas mortas durante conflitos bélicos:

⁷ Seria mais correto dizer, os valores das tradições judaico-cristãs.

⁸ Como continua acontecendo até os dias de hoje.

⁹ Ou “clericalismos”.



Do século I ao século XV, foram mortas quatro milhões de pessoas.

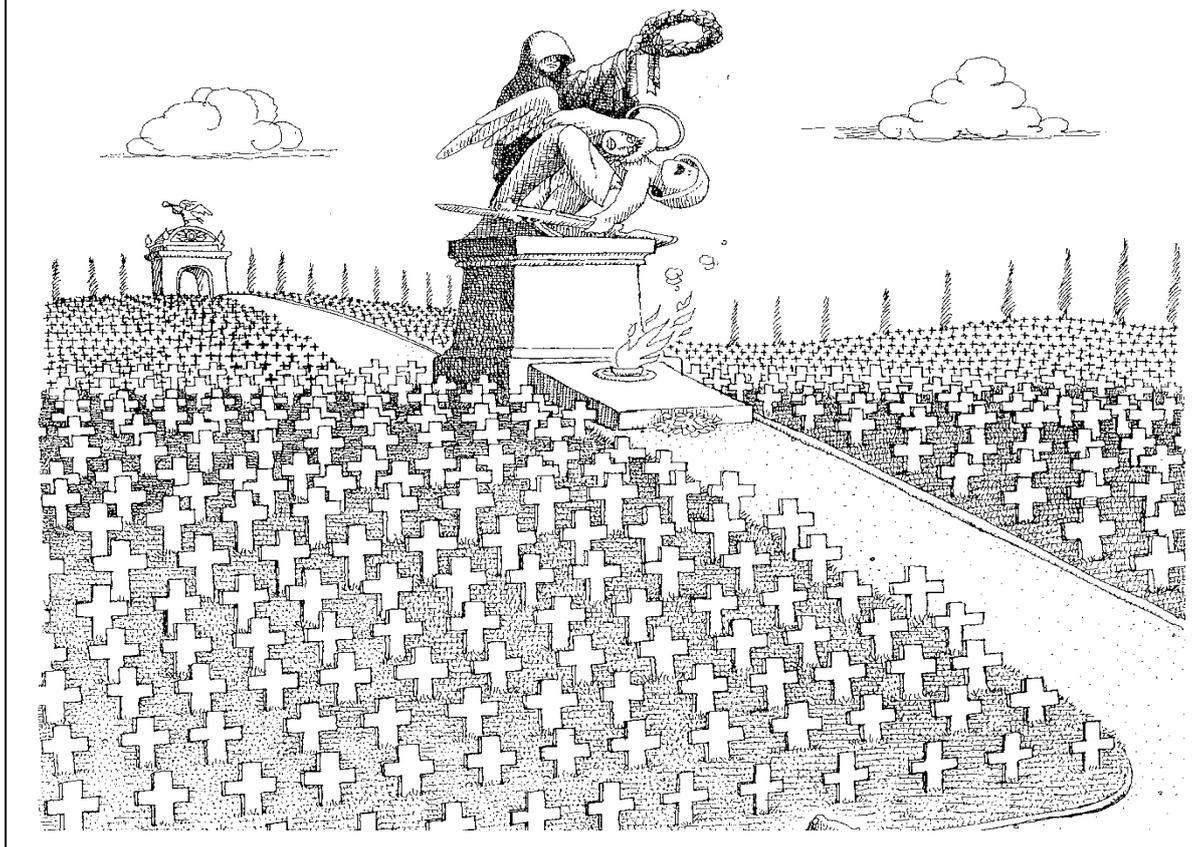
No século XVI, dois milhões.

No XVII, seis milhões.

No XVIII, sete milhões.

No XIX, 19 milhões.

No século XX, 111 milhões (até agosto de 2000).



Fonte: Washington Post – Ilustração: Quino

Jacques Derrida¹⁰, manifestando sua preocupação pelo mau uso da razão, afirmou que deveríamos multiplicar esforços para “salvar sua honra”, no sentido de impedir sua utilização para justificar o injustificável¹¹.

Paul Valéry¹², desiludido com o mau uso da inteligência escreveu: “...sem dúvida foi preciso muita ciência para matar tantos homens, dissipar tantos bens e aniquilar tantas cidades em tão pouco tempo¹³”.

¹⁰ Filósofo argelino desconstrutivista. (1930-2004)

¹¹ Einstein, utilizando sua fina ironia diz: “Existem dois infinitos, o Universo e a estupidez humana, mas não estou seguro enquanto ao Universo”.

¹² Pensador e poeta. (1871-1945)

¹³ Em sua opinião, dois eram os perigos que ameaçavam o mundo: o racionalismo impondo sua ditadura, tanto quanto a desordem que o dilui.



Hannah Arendt¹⁴, observando a utilização da razão como algo totalmente desligado de qualquer instância superior a ela mesma, diz que vivemos tempos em que “os maus perderam seus temores e os bons suas esperanças”, sinalizando que pelo fato de participarmos duma sociedade de massas, delegamos nossas responsabilidades individuais para um coletivo impreciso e medíocre. Segundo ela, quando os avanços tecnológicos não estão acompanhados por avanços semelhantes no campo da ética, se transformam em regressos.

A racionalidade, quando mal utilizada, age como uma sombra tenebrosa que obscurece a inteligência, provocando fontes de violência, de terror e coerção. As brutalidades perpetuadas em nome da paz, o imaginário da guerra justa, a “batalha final”, os estados de exceção, são alguns exemplos entre muitos outros, dos mecanismos pelo qual o mal e o sofrimento se perpetuam.

UM DIA VOCE VAI ENTENDER
POR QUE AS PESSOAS
SE MATAM, E
MATAM OS
OUTROS



E AÍ NÃO DEIXE DE EXPLICAR PRO VÔ



Veríssimo – Estadão

O mal intelectual se infiltra como um veneno silencioso, e se transforma em um mal da alma, facilmente reconhecido por se manifestar como insensibilidade para o sofrimento dos “outros”, para finalmente se transformar em um mal social.

Definições...

Filantropo é quem esta bem unicamente se ou outros também estão bem. Misantropo é aquele que só está bem quando os outros estão mal. Egoísta é quem não se importa se os outros estão bem o mal, contanto que ele esteja bem.

¹⁴ Filósofa contemporânea. (1906-1975)



Expressando seu próprio desconforto, Walter Benjamin¹⁵ escreveu: “Existe um quadro de Klee¹⁶ chamado *Angelus Novus* representando um anjo que parece querer afastar-se de algo que encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra no céu e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso”.

Herbert Marcuse¹⁷ também manifestou seu desagrado em *Cultura e Psicanálise*, afirmando que “há dois tipos de conceito de progresso que caracterizam o período moderno da civilização ocidental. De acordo com um deles, o progresso é definido quantitativamente, devendo ser entendido como o desenvolvimento que possibilitou o aumento dos conhecimentos e as capacidades humanas, visando à dominação da Natureza. O resultado dessas iniciativas foi o aumento das necessidades humanas e também dos mecanismos para satisfazê-las. A questão que permanece em aberto é se esse progresso contribui igualmente para o aperfeiçoamento humano, possibilitando uma existência mais livre e feliz. A esse conceito quantitativo de progresso chamado de *técnico* podemos opor-lhe o conceito qualitativo, tal como foi elaborado nas filosofias idealistas (...).

Nelas, o progresso consiste na realização da liberdade humana e da moralidade. (...) O resultado do progresso, neste sistema, consiste na humanização progressiva dos homens, no desaparecimento da escravidão, do arbítrio, da opressão e do sofrimento. (...) Mas, por outro lado, existe uma conexão íntima entre o quantitativo e o conceito qualitativo do progresso, em vista que o conhecimento de técnicas parece ser condição de todo avanço humanitário. Dito com outras palavras, a ascensão da humanidade pressupõe o progresso técnico, isto é, um alto grau de domínio da Natureza por meio do qual as necessidades humanas poderiam ser satisfeitas de maneira cada vez mais completas. No entanto, o progresso técnico não leva automaticamente ao progresso humanitário. Para uma correta avaliação, precisaríamos saber de que modo a riqueza social é distribuída e a serviço de quem são empregados os crescentes conhecimentos adquiridos”.

¹⁵ Filósofo, crítico literário e ensaísta. (1892-1940)

¹⁶ Paul Klee, pintor alemão nascido em Suíça de estilo abstrato. (1879-1940)

¹⁷ Sociólogo e filósofo alemão pertencente à Escola de Frankfurt. (1898-1979)



Para um observador imparcial, as feiúras do “progresso” são mais que evidentes e os poderes pretensamente infalíveis da racionalidade são cada vez mais questionados. O sonho de poder ter controle total sobre os acontecimentos se esfuma, pois sem um herói messiânico para nos salvar, ou sem encontrar a quem culpar por nossos males, os acontecimentos parecem incontroláveis, exatamente o que mais teme a razão.

Considerações sobre as crenças “mal assimiladas”:

Nunca encontrei um único caso – em pessoas com mais de trinta anos – em que o problema não tivesse suas raízes numa questão religiosa mal resolvida.

Carl Jung

O filósofo espanhol Ortega y Gasset diz que “Nas crenças nós vivemos, movemo-nos e somos¹⁸”, pois a seu entender, a superfície racional mascara infinidade de crenças. Também é importante observar que a modernidade utiliza a religião como um adorno exterior, atendendo necessidades ou conveniências psicológicas, e que na maioria dos casos, a identidade religiosa é o resultado de heranças histórico-culturais¹⁹.

O termo “religião” é comumente utilizado para circunscrever práticas ritualísticas que obedecem ao sentido expresso pela palavra latina **religare**, isto é, na função de re-ligar, de voltar a unir o que está separado²⁰. No entanto, desde um ponto de vista **transcendentalista**²¹, qualquer pretensão de unir o Ser com o Não-ser, o finito com o infinito, o tempo com a eternidade, o contingente com o necessário, o aparente com o absoluto, etc., beiraria com o mais completo dos absurdos. Todavia, desde um ponto de vista **immanentista**²², não haveria nenhuma necessidade de unir o que nunca esteve separado, portanto, também seria uma tarefa inútil.

“Julgando as árvores pelos frutos que produzem”, as páginas da História testemunham o fracasso sistemático das religiões em unir o que for, pois a maioria delas são exemplos de fragmentação e de dissidências infundáveis²³.

¹⁸ Pondo em dúvida a definição aristotélica que afirmava ser os homens “animais racionais”.

¹⁹ Isto é, por fideísmo. Do latim *fide*, fé. Por anteposição da fé aos argumentos que constrói a razão.

²⁰ Deus e os homens, o espírito e a matéria, etc.

²¹ Considera o mundo sobrenatural como a extrema realidade e o natural como uma mera ilusão destinada ao nada.

²² Considera que a divindade está presente em todas as coisas visíveis e invisíveis.

²³ A título de exemplo, existem mais de 1400 igrejas cristãs, todas elas autodenominadas “autênticas e verdadeiras”.



O filósofo Marco Túlio Cícero, (106-46 a.C.) afirmou que o termo *religio* deriva de *relegere*, com o significado de “consideração cuidadosa²⁴”. A discussão etimológica gira sobre se a palavra *religio* derivaria de *religare* ou de *relegere*, pois ambas têm a mesma raiz: *legere*. No latim, o termo *legere* possui o significado de “escolher”, “eleger”, “juntar”, “apanhar”, assim, o termo *legere* tem a conotação de “ler²⁵”. Se a observação de Cícero é procedente, o significado correto do termo religião seria “atenção escrupulosa, consciência, alta consciência, dever importante, sentimento religioso, piedade, veneração”.



Quino

As conseqüências da falsa idéia de progresso e das religiões mal assimiladas
O sentimento de crise

*Se a miséria da nossa pobreza for devida,
não às razões da natureza mas de nossas instituições, grande é nosso pecado.*

Charles Darwin

²⁴ Conjunto de obrigações que nenhum homem em nenhuma circunstancia deveria negligenciar.

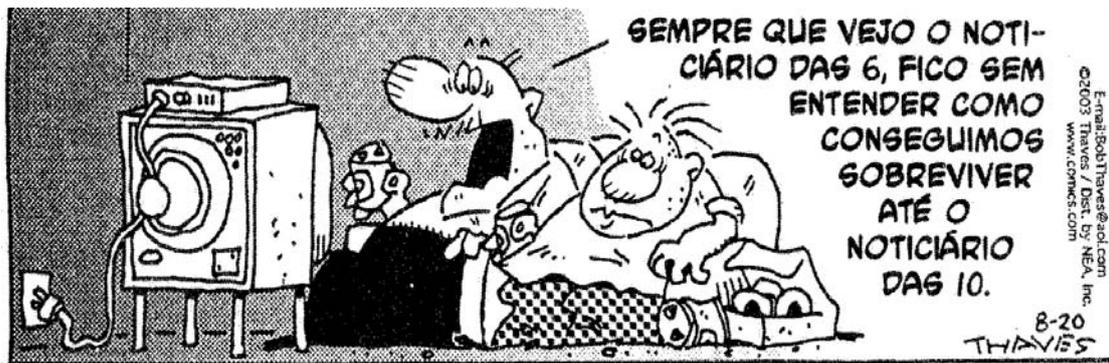
²⁵ As pessoas juntam, escolhem ou reúnem as letras de um texto, uma a uma, é assim lêem.



A palavra “crise” é utilizada para designar declínio, desgaste, conflito, perda de energia, decadência, e é desde os tempos de Heráclito até o presente, estando associada à maioria dos juízos feitos sobre a sociedade e o mundo, impregnando o ar com uma desagradável sensação de dolo, de dilaceramento, de intranqüilidade, de viver tempos difíceis.

Dadas as enormes distâncias que existem entre o que cada ser humano é capaz de idealizar e os fatos concretos, as crises são uma presença constante que agem como indesejáveis acompanhantes.

A capacidade de poder imaginar a todo momento circunstâncias melhores às vividas, e a não aceitação passiva das contingências do destino são reveladoras da grandeza do espírito humano que, imaginando constantemente alternativas superiores, produzem as necessárias corretivas dos rumos²⁶.



Faz 2500 anos atrás, Confúcio ensinava:

“Se o indivíduo está mal, estará mal sua família; se as famílias estão mal, estarão mal as províncias. Quando as províncias andam mal, estará mal o Estado, se o Estado está mal, a sociedade toda encontrará dor e inquietação. Mas, se o indivíduo estiver bem, as famílias também estarão bem. Estando bem as famílias, assim estarão as províncias. Estando bem as províncias, o Estado também estará bem, então os homens encontrarão a felicidade e o progresso”.

²⁶ Nesse sentido, as crises agiriam como avisos para a consciência, requerendo os cuidados pertinentes. Assim como a dor de um dente é um aviso que leva a tomar providências e salvar o dente, as dores da alma, quando devidamente atendidas, podem “salvar” a existência, obrigando a revisar as premissas com as quais nesse momento se interpreta o sentido da vida.



Mas, como fazer para que os indivíduos estejam bem?

Em vista das experiências históricas, poderia se afirmar que de nada valem as mudanças externas quando não são acompanhadas de mudanças internas. Para que elas aconteçam, o socrático “Conhece-te a ti mesmo” continua vigente, sendo necessário e de extremo valor para dizer **quem é que está em crise**.

Ao mesmo tempo é conveniente ponderar que não existe um método único, idêntico e válido para todas as pessoas. Cada indivíduo deve realizar sua singularidade pelo caminho que lhe é próprio, tomando consciência de que viver significa **estar** no humano. Nesse entorno, cada indivíduo não é apenas ele mesmo, pois ele participa dos outros, e de um modo misterioso, carrega consigo uma parte dos que vivem, dos que já viveram, e ainda, dos que virão.

Também é importante ponderar que o que costumeiramente chamamos de civilização está constituído por fatos absurdos, e que quiçá é tempo de renunciar à clássica definição aristotélica que agrupava todos os seres humanos como sendo de “natureza racional”, reconhecendo que nossa espécie faz esporádicos usos dela, mas não o faz sempre, nem continuamente.

Um dos elementos distintivos da racionalidade é refletir sobre o que se refletiu, “prestando contas” sobre a lógica de nossas atitudes e comportamentos. A conduta racional se caracteriza pelo exercício da disjunção, isto é, dividindo em duas partes o que se examina para determinar as diferenças entre os componentes, ajustando oposições, procurando o divergente e o coincidente, impondo a análise²⁷ das questões apresentadas. Nesse sentido, a espécie humana é a única capaz de dividir as coisas em boas e más, isto é, de escolher e outorgar um valor as coisas que examina por distinções que ela mesma cria²⁸.

No entanto, pelo fato que toda vez que se consegue cortar a cabeça de uma pergunta, no lugar nascem duas, é muito difícil chegar a um conhecimento definitivo. De fato, a Vida sempre troca às respostas por novas perguntas, e a aparente “solução” para uma determinada questão traz consigo outras perguntas que se desdobram, constituindo os infindáveis labirintos da racionalidade²⁹.

²⁷ Do grego, *análisis*, dividir, separar, desagregar em partes.

²⁸ O Bem e o Mal, tal qual são concebido pelos juízos da razão não existem na Natureza.

²⁹ A título de exemplo, quando Arquimedes diz: “Dai-me um ponto fixo e moverei o mundo”, esta questão hipotética sugere que não é impossível mover o mundo, mas isso “oculta” a impossibilidade de se encontrar um único ponto fixo num Universo em que tudo flui.



Quino

A crise vivida por Eça de Queiros em 1871

“O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Não há princípio que não seja desmentido nem instituição que não seja escarneada. Já não se crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas idéias aumenta a cada dia. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... A agiotagem explora o juro. A ignorância pesa sobre o povo como um nevoeiro. O número das escolas é dramático. A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfastiada do país. Não é uma existência; é uma expiação. Diz-se por toda a parte: O país está perdido!”

A crise vista por Roberto DaMatta³⁰ em 2007

O enfraquecido otimismo do “progresso contínuo” prometido para o século XX, o fracasso do “céu que seria construído na terra”, volta a ser vigoroso no alvorecer do século XXI. Um novo messianismo ressurgiu transvestido nas promessas da globalização financeira. Finalmente, todas as mazelas serão derrotadas pelo neoliberalismo capitalista. No entanto, o que já se entrevê, é a Terra deixando de ser mãe generosa para ser a propriedade privada de Estados nacionais e de companhias multinacionais. O planeta inteiro devastado pela nova religião do consumismo está dividido entre dois blocos representativos do bem e do mal, isto é, entre ricos e pobres, entre liberdade e submissão, entre “nosso” Deus e o “deles”, deixando em todo lugar, o rasto inigualável da morte e da destruição reinando absolutamente.

³⁰ Roberto DaMatta, é antropólogo e colunista do jornal *Estado de São Paulo*.



Caro leitor: Por vezes, o que costumamos chamar de progresso está muito mais perto de uma lógica de poder que de uma demanda de universalidade, corroborando que os avanços cognitivos não são proporcionais ao progresso da sociedade. É importante participar, refletir e dialogar em torno das experiências com que nos oferta a vida, criando antídotos contra tudo o que nos desumaniza, lutando sempre por uma cultura comprometida com a convivência, com a legitimação da diversidade e com o espírito da solidariedade.

Sem dúvidas que seria prazeroso dizer “que Deus escreve certo por linhas tortas”, como gostaria a Fé, mas é muito importante perceber que a partir do momento em que os homens foram “expulsos” da terra pelos excessos do transcendentalismo, e também do céu, pelo materialismo existencialista, não restou outra opção a não ser viver acuados em si mesmos.

Sem conseguir transitar com segurança pela terra do sensível, nem pelos caminhos de esperança que prometia o céu, o solipsismo (estar só consigo mesmo) é o único refugio disponível.

Com plena consciência dos perigos que encerram todas as generalizações, é lícito observar que as religiões se transformaram em crenças que retiram as poucas alegrias do mundo, “celebrando” ritos que proclamam a ausência da divindade, jamais a sua presença.

Por sua vez, a razão excedida, teima em justificar o injustificável, dividindo o mundo com linhas imaginárias chamadas “fronteiras, nacionalidades, raças, mundos, condições sociais,” e tudo isso permeado por práticas predatórias e suicidas. Em definitiva, racionalismos e clericalismos envolvem as inteligências com suas grandes mentiras, e como já não sabemos o que perdemos, também não sabemos o que devemos procurar.

Questionar o monopólio desses dois extremos, principalmente quando se percebe que ambos são incapazes de suportar divergências em relação a seus pontos de vista, pode ser um corajoso passo na conquista da liberdade no pensar.



Fale sobre estas coisas com sua família, com seus colegas de escola, do trabalho, do clube, no bar, ao final, todos são bons interlocutores daquilo que faz crescer internamente e enobrece.

Só é bom o conhecimento que nos torna melhores.
Sócrates

Para onde nos leva o progresso?

Excesso de conhecimento e técnica - que costumamos atribuir ao progresso - pode significar, paradoxalmente, a debilidade de nossa orgulhosa civilização global. Nietzsche fala do homem como um animal em contínuo acabamento, através da produção de cultura. Diante do relâmpago, em alguns milênios, ele foi capaz de passar da oração ao pára-raios. A técnica inventou maravilhas na eletrônica, no transporte e na comunicação, mas também nos tornou dependentes de próteses sem as quais não sabemos mais viver.

Na Antiguidade Grega, a filosofia competia com a arte da tragédia. Platão não apreciava a tragédia, pois a sabedoria dessa arte consistia em deixar certas coisas na penumbra. Afinal, para os platônicos, só se chega à tragédia por insuficiência de conhecimento e lógica. No entanto, não teria Édipo vivido melhor sem conhecer seu terrível passado? O mito de Prometeu fala que ele trouxe o fogo ao homem, possibilitando sua escalada cultural. Na versão de Eurípidés, porém, os homens ficavam inativos em suas cavernas porque conheciam a hora de suas morte. Prometeu resgatou-lhes o esquecimento, permitindo que - ainda que soubessem que iriam morrer - ignorassem quando. Além de livrá-los daquele paralisante conhecimento, deu-lhes o fogo para ajudar a florescer seu espírito de trabalho.

Na verdade, filósofos contemporâneos como Rüdiger Safranski e Roger Shattuck se perguntam até que ponto o homem pode afastar-se de sua primeira natureza por ação da cultura, sua segunda natureza, sem entrar em oposição autodestruidora com a primeira. A tecnologia, por exemplo, permitiu transformar nosso potencial agressivo numa força destruidora do equilíbrio econômico e ambiental do planeta, gerando a sensação da angústia de um potencial catastrófico de dimensões globais, que tem como agente o próprio homem.

Se, de um lado, não podemos negar os benefícios da difusão contemporânea das ciências e da medicina no prolongamento da vida humana, o excesso de tecnologia abala o delicado sistema de proteção que envolve a psique humana. Antes, o ocorrido em lugar distante tinha tempo de revestir-se com interpretações e elaborações. As notícias da queda da Bastilha e do trágico terremoto de Lisboa foram sabidas meses após em outros países.



Hoje, tudo é instantâneo Mas como bem lembra Safranski, “quem se dirige depressa demais a qualquer lugar não está em nenhum lugar”. Quando terminavam longas marchas a pé, os primitivos da Austrália sentavam-se por algumas horas para dar tempo à alma de chegar. Em outros tempos, viajar era uma experiência da qual se retornava transformado. Hoje, parece que ficamos no mesmo lugar. A mobilidade global uniformiza aeroportos, hotéis, redes de lanchonetes e outdoors. O local também se pasteuriza em global.

Próximo e distante se mesclam, as coordenadas individuais de espaço e tempo se perturbam. O cenário global de ameaças, --o aquecimento global, a manipulação genética, a propagação da AIDS, a camada de ozônio ou o equilíbrio dos fundos de pensão-- tudo invade nosso mundo imediato, crescendo dramaticamente a distância entre nossa intimidade com o global e nossas possibilidades de atuação. O superego freudiano parece insignificante em comparação com esse outro imenso superego que nos responsabiliza diretamente pelo futuro do planeta.

Antigamente, sacerdotes e ideologias nos ajudavam a suportar essa situação. Hoje, sobram-nos o esoterismo vazio e os contraditórios especialistas globais. Uns provam que o homem é responsável pelo aquecimento global, outros garantem que não; uns dizem que telefone celular pode causar câncer e problemas de DNA; outros juram que é bobagem. O mesmo para os efeitos a médio prazo dos alimentos transgênicos e dos raios X. Enquanto isso, John Abramson, conceituado médico americano professor de Harvard, denuncia as manipulações da indústria farmacêutica para induzirem a população a consumir remédios desnecessários e que podem fazer mal.

Agora nossa vida depende totalmente das próteses tecnológicas. Um médico não mais diagnostica sem sofisticados equipamentos que, por custarem muito caro, inviabilizam os planos de saúde da maioria.

O indivíduo não sabe mais viver sem telefone celular e Internet. Temos saídas? Usando as antigas metáforas das florestas, há que criar clareiras na mata. Os gigantes de Giambattista Vico moravam em bosques cerrados até que terríveis relâmpagos abriram um claro; com um pedaço de céu aberto, puderam começar a se integrar na cultura.

Em *Discurso do Método*, Descartes dá o sábio conselho ao viajante que se perdeu na floresta: caminhe sempre em linha reta; por mais longa que seja a direção, em algum momento você se livrará dela.



Hoje a segunda natureza do homem é que se transformou numa densa floresta e o processo se inverte; para sobreviver e não se tornar totalmente dependente o homem precisa manter-se crítico e lúcido: ao mesmo tempo em que abre constantemente clareiras para poder respirar, deve manter um senso de direção que lhe permite achar uma saída. O segredo está em utilizar os aparatos tecnológicos com inteligência, mas nunca transformar-se em escravo deles.

Só poderemos aproveitar das tecnologias com sabedoria se soubermos viver sem elas; e se - na contramão do globalismo - soubermos cultivar menos rapidez, espaço para o capricho, sentido do local, capacidade para desconectar e para não estar sempre de prontidão. Em suma, cercados pelo bosque do progresso, temos de manter um olhar no claro do céu.

Texto de Gilberto Dupas publicado no *Estado de São Paulo*, 8 de Janeiro de 2005



Ocidente Oxímoro³¹

Há uma coisa neste mundo que você jamais deve esquecer-se de fazer. Cada ser humano vem a este mundo com uma missão específica. Essa missão é seu propósito e cada um tem a sua. Se você se esquecer de tudo o mais, menos disto, não há com que se preocupar. Se você se lembrar de tudo o mais e se esquecer de sua verdadeira missão, então não fará nada em sua vida.

Rumi

³¹ Figura da linguagem que reúne duas preposições antagônicas, por exemplo: “covarde valentia”, “culpa inocente”, “silêncio eloqüente”, etc. para chegar a um terceiro sentido (paradoxismo) que exige entender além do que se entende comumente por essas palavras.



“Quisera que estas vacas me pudessem ensinar suas sabedorias”. Com este estranho pensamento, Nietzsche, em *Assim falava Zaratustra*, admite que todos os animais são sábios e razoáveis, perfeitos em seu gênero, não precisando ser de um modo diferente, pois agem duma maneira que não é possível censurar, não precisando progredir nem se transformar em outra coisa. Mas, contrariando esses modos de ser, a espécie humana se mostra incompleta e insuficiente em todo momento, se auto-exigindo condutas e comportamentos para finalizar-se plenamente.

Assim, enquanto os animais **são**, os homens procuram desesperadamente **como ser**, alimentado à esperança de conseguir se realizar totalmente. As tartarugas, por exemplo, apenas nascem e já sabem o que fazer, correndo para o mar. Os homens nascem e correm para a morte sem saber por que e para que nasceram, ao mesmo tempo, detestando um encontro com ela. No mesmo livro, Nietzsche fala das metamorfoses pelas quais deve passar a consciência para alcançar a perfeição desejada e a sabedoria subsequente.

A primeira mudança consiste em se descobrir como *homem camelo*, como alguém que assumidamente carrega o peso de suas responsabilidades em todas as circunstâncias de sua vida. Esporadicamente, se rebela tentando fugir delas, mas aonde ele for, continuará carregando o peso dos compromissos aos quais está atrelado, mantendo sua sujeição.

Em um segundo momento, transitando por outro patamar, nasce na consciência do indivíduo o *homem leão*. Neste estágio o espírito “devora os falsos mestres”, isto é, os arquitetos das morais de fachada, da mediocridade, conquistando a liberdade de ser e de pensar segundo sua própria singularidade.

No final, sempre segundo Nietzsche, a terceira é última mudança transformadora sinaliza o nascimento do super-homem no homem ou o *homem criança*, encarnando a superação de tudo quanto foi falsamente dado à consciência como certo, restabelecendo neste estágio a inocência no pensar e no agir.

Durante a primeira metamorfose, a insensatez do mecanicamente repetitivo toma conta de tudo produzindo fracassos sucessivos e ruínas históricas. No segundo momento, há libertação dos sistemas tranquilizadores, das anestésias da consciência, de tudo quanto produz torpor e letargia, libertando o olhar para ver sem as estreitezas dos lugares comuns da existência.

No último estágio, correspondendo à iluminação dos místicos, o pensamento deixa de ser cumulativo e desagregador. A partir desse momento da consciência, a sabedoria e o sábio não se distinguem entre si.



Caro leitor, a vida não é significativa, nem insignificante. Os significados, ou sua falta, são concedidos e determinados pelos valores que lhe atribuímos. Habitamos uma realidade em que faz sentido fazer sentido, mas para que a vida tenha sentido precisa de um propósito. Como não nascemos com sabedoria, nos mesmos temos de encontrá-la numa jornada que ninguém pode fazer em nosso lugar.

Com freqüência, quem encontra a “ponta” de um caminho costuma recomendá-lo prontamente antes haver-lo percorrido na sua totalidade. É assim que nascem os exércitos dos autoritários, dos que sem ser exemplos de moral, se arbitram como juizes da moral alheia.

Cada ser humano tem o direito de buscar o sentido da vida, a alegria de viver, de ser feliz, e é louvável querer que os outros também sejam felizes. No entanto, quando para conseguir esses fins se utilizam ameaças apocalípticas, cuspidando sentenças com ar pontifical, cria-se uma enorme distancia entre o desejar o bem do próximo e o “profetismo”, vanguarda da insensatez e da intolerância. Catequizar, manipular, seduzir, ameaçar, seja isto por meio de crenças religiosas, das terapias alternativas, das promessas do liberalismo capitalista ou pelo “mundo justo” das esquerdas, mostram a obsessão dos que confessam suas carências, pretendendo dar por esse meio, um sentido ao que por momentos parece absolutamente sem sentido.

Na mitologia grega, os deuses olímpicos reunidos deliberaram sobre o pior castigo que poderia ser aplicado aos homens em conseqüência de suas sucessivas desobediências, para por fim concluir que não haveria nada pior que fazê-los ver as coisas apenas como elas parecem ser.

Quando as cegueiras psicológicas acontecem se “padece” de escuridão, isto é, da falta de discernimento. Dito com as palavras de Adélia Prado, isto é, como somente os poetas conseguem dizer -- “Às vezes Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra”, ou nas palavras de Otto Lara Resende: “Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. (...) O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tanto visto, ninguém vê. Nossos olhos se gastam no dia-a-dia e ficam opacos. “É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença”.

“Multipliquei-me para sentir. Para sentir, precisei sentir tudo. Transbordei, não fiz senão extravasar-me. Despi-me, entreguei-me e há em cada canto de minha alma, um altar a um deus diferente”.

Fernando Pessoa



A mitologia grega, a poetisa Adélia Prado, e também o escritor Otto Lara Resende, priorizam a necessidade de desenvolver a capacidade de aprender a ver com um olhar que propicie a compreensão do que se observa³².

A Dualidade: nota fundamental da Criação

*“Todo o visível repousa sobre um fundo invisível;
o que se entende, sobre o que não se entende; “*

“o que é tangível, sobre um fundo intangível.”

Novalis

Uma das questões mais difíceis de responder é o entendimento do modo pelo qual Física e Metafísica seriam nada mais que os dois aspectos da mesma realidade³³.

“Sem as polaridades não haveria condição humana. Todas as grandes cosmologias foram permeadas por dualismos, e as sociedades as usam para compreender o mundo. Dia e noite, inverno e verão, paraíso e inferno, mortos e vivos, natureza e cultura, homem e mulher, sagrado e profano, esquerda e direita, alto e baixo, dentro e fora, preto e branco, pureza e impureza, velho e novo, feio e bonito. A lista de alternâncias, cuja característica principal é a **complementaridade** e a **interdependência**, não tem fim. A polaridade indica que um termo não existe sem o outro, que é o seu exato oposto, ao passo que a complementaridade revela a interdependência³⁴”.

Nas tradições judaico-cristãs, a “Árvore do conhecimento do bem e do mal” simboliza o desenvolvimento dessa consciência dual, cujas decorrências psicológicas se ramificam até o presente. Na prática, pensar é praticar maniqueísmo mental que consiste em “santificar” ou “satanizar” cada uma dessas partes, produzindo os germens das consciências esquizofrênicas, (do grego *esquizo*, separar e *phrenos*, mente) auspiciando as condutas que pretendem que um único chapéu sirva para todas as cabeças.

³² Isto é, vendo-as como se fosse a primeira e a última vez.

³³ Seguindo esse raciocínio, qualquer par de opostos também poderia ser interpretado como as duas faces da mesma moeda, isto é, o que aparece dá destaque ao que se ausenta; o fugaz, ao que permanece; o tempo, a eternidade; o fundo escuro, ao que é luminoso; o vazio a plenitude, e assim subsequentemente.

³⁴ Roberto Damatta, *Estadão*, Caderno 2, 25/2/2009



É importante destacar que esses comportamentos, nada inclusivos, são tão perniciosos como os daqueles que vivem em estado de “independência” em relação ao corpo social, como se fossem corpos estranhos dentro do organismo comunitário, não se firmando nem a favor nem contra nada.

No clássico *O Medo a Liberdade*, Erich Fromm destaca como o entusiasmo das lutas para viver sem constrangimentos, é trocado posteriormente pela agonia de uma liberdade que exige compromissos e responsabilidades, que exige sair ao encontro dos outros e reconhecer-se como parte da pluralidade humana.

Na direção contrária, nas tradições védicas, o termo *Satsanga* (*Sat*, verdade, *sanga*, comunidade) designa as pessoas que somam suas forças para criar conexões capazes de reunir o que a mente separa, estabelecendo pontes entre a ciência e a espiritualidade, entre o conhecimento e a sabedoria, entre o moderno e o tradicional.

Este último modo inclusivo de ser e de estar no mundo, se origina da percepção de que os afetos são mais importantes que os conceitos, pois agem como o Sol que derrama sua luz para **todos**, ou ainda, como as flores matinais que perfumam o ar sem se perguntar se o caminhante merece ou não o perfume...

Ocidente Oxímoro³⁵

Nas crenças nós vivemos, movemo-nos e somos.

Ortega y Gasset

A Cultura Ocidental foi chamada de oxímora, por possuir uma fase luminosa e uma outra sombria, uma extraordinária capacidade inventiva, e ao mesmo tempo, um niilismo destrutivo, e por ter todos seus valores atrelados a anti-valores, de tal modo que nenhum deles sobreviria sem a existência do outro. Sabemos também que o próprio ato de pensar exige esses conceitos opositivos, não sendo possível processar mentalmente nada que não tenha também sua contraparte.

Assim, a “medida” da Cultura Ocidental “exige” a **desmedida**, protagonizando a proeza de causar problemas para si mesmos e para os outros. Poderia se afirmar que nenhuma época reuniu tanta fartura e ao mesmo tempo tanta fome, tanta violência e tantos desejos de paz, tanta informação e tanta ignorância, tantas religiões e tantas desesperanças.

³⁵ Figura da linguagem que reúne duas preposições antagônicas, por exemplo: “covarde valentia”, “culpa inocente”, “silêncio eloqüente”, “profundamente superficial” para assim chegar a um terceiro sentido (Paradoxismo) que exige entender além do que se entende comumente por essas palavras.



Todos os pares opositivos, raízes do devir, “obrigam” a escolher um lado das coisas, em detrimento de outra, mas em todos os casos, as escolhas feitas coexistiram com o que não foi escolhido, por estarem às dualidades tão intimamente ligadas entre si, como as sombras aos objetos que as projetam.

Um dos traços mais característicos da condição humana é a capacidade de se distanciar de si mesmo, de fazer referências a si próprio, de se auto-pensar. A esta possibilidade, Sócrates chamou de “dois em um”, no entendimento de existir uma consciência que permite que dialoguemos com nós mesmos, podendo concordar ou não com o que pensamos. Sócrates alertava que por essa condição estávamos condenados a viver em nossa própria companhia, e que estar de acordo com nós mesmos era fundamental, pois, ao final, quem suportaria viver uma vida em companhia de alguém com quem não se concordasse?